

TEMPESTADE EM COPO D'ÁGUA

Marilena Soneghet

15

Nuvens baixas, pesadas, sombrias vestem o dia de melancolia... mas nem sempre está no céu que nos cobre a iminência de um temporal – por vezes está numa sensação, num presságio, numa angústia sem nome – ou que traz todos os nomes: inquietação, esgotamento, ansiedade, impotência, desolação, saudades que se enredam no poente do esquecimento.

Ah, quão sem fim são as ameaças ao nosso desejo de paz! Mas...

Todo temporal é temporário – se a própria vida é passageira, como passageiros da vida o bom é desfrutar o melhor da viagem. Não alimentar fantasmas, não deixar que os transtornos empanem o prazer, o brilho, o sonho, a magia de viver. Como diz Mario Quintana, só as nuvens são eternas (tudo mais é perecível), então, o jeito é começar de novo – “pra valer a pena ter amanhecido... pra valer a pena ter sobrevivido”

... porque

em algum lugar brilha o sol, porque um beija-flor está a entretrançar seu ninho, porque uma florzinha insiste em florir na greta da calçada, porque há alguém que nos ama e pensa em nós, porque temos alimento na mesa, água no chuveiro, porque há uma pluma que se abandona ao vento, porque nos acaricia a mão da ternura, cálida e macia, porque há no céu um enxame de estrelas, porque a poesia está latente em tudo, há música no ar e a vida pulsa em nós, porque todo amanhã esconde um sábado, porque um maroto raio de sol se intrometeu entre as nuvens dourando-lhe as fímbrias, porque há sempre uma semente de esperança fecundando o quintal dos sonhos

... mesmo que

a saudade aperte, o calo doa, o arroz tenha queimado, o bolo, solado; mesmo que não sobre dinheiro para o sonho sonhado... que o carro continue batendo pino, que não tenha saído a esperada promoção (nem o aumento), que os impostos levem dois terços de nosso salário... ou que a janela emperrada nos esconda os horizontes, que o anjo dos esquecidos continue desmemoriado, que a alma suspire anseios impossíveis... mesmo que e a gente saiba que aquela dorzinha fininha, entranhada, nunca mais irá embora (nunca!)... Ainda assim, vale a pena!

Quando eu tinha treze anos, escrevi solenemente em meu caderno:

“ olhar o mar – é a coisa mais bonita que sei fazer”.
E achei lindo. E era lindo, porque o mar me ensinou a ser

contemplativa, o mar me ensinou a impermanência. O mar que vai e volta, me ensinou a sempre recomeçar.

... então

para driblar a tempestade que supostamente me ameaça, caminho até a praia. Sim; vou ver o mar. O mar me fala de profundidades abissais (como as da alma), de moluscos luminescentes (como ideias), de ignotas ilhas (solidão e solidude), de pássaros migrantes (ousadia e esperança). O mar me conta de tormentas e calmarias, de algas e pérolas, de imensidão e espuma a esvaír-se em brilho fugaz (vida!).

Céu e mar... que imensa catedral! Sem pensar, sem intenção, a gente cai em estado de contemplação – que o silêncio interior, apenas interrompido pelo sussurro da maré, pelo fragor das ondas na rebentação, pelo chuí suave da espuma a espreguiçar-se na praia propiciam. É sempre uma experiência gratificante que de algum modo nos eleva o espírito. Abandono-me ao fascínio do mar.

17

... até que

apaziguada, caminho de volta à casa. A realidade gruda em meus pés como os grãos de areia que cham suavemente sob meus passos. Se andei levitando, agora piso firme. Desfeita em nuvens. É tempo de bonança!

Recolho em meu albornoz os alvoroçados agouros, os sombrios augúrios. O fantasma da tempestade diluí-se na maresia.

Volto pressurosa e leve, abro o portão, entro em casa e bebo um copo d' água.